

DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DE SANTA
RITA

O SEculo

O SONHO do CAMELO

Por LAURA CHAVES

CERTA manhã, Dom Camelo acordou mal humorado pois tivera um pesadelo em que se viu transformado,

— vejam que coisa mesquinha- sendo êle enorme em tamanho, numa simples andorinha, nesse animal tão tacanho!

Correu direitinho ao monte a contar a novidade, ao primo Rinoceronte e à sua cara metade.

— Compreendo o seu desgosto. — diz esta, muito galante: — Quem tem um tão lindo rosto, ver-se andorinha, é vexante! —

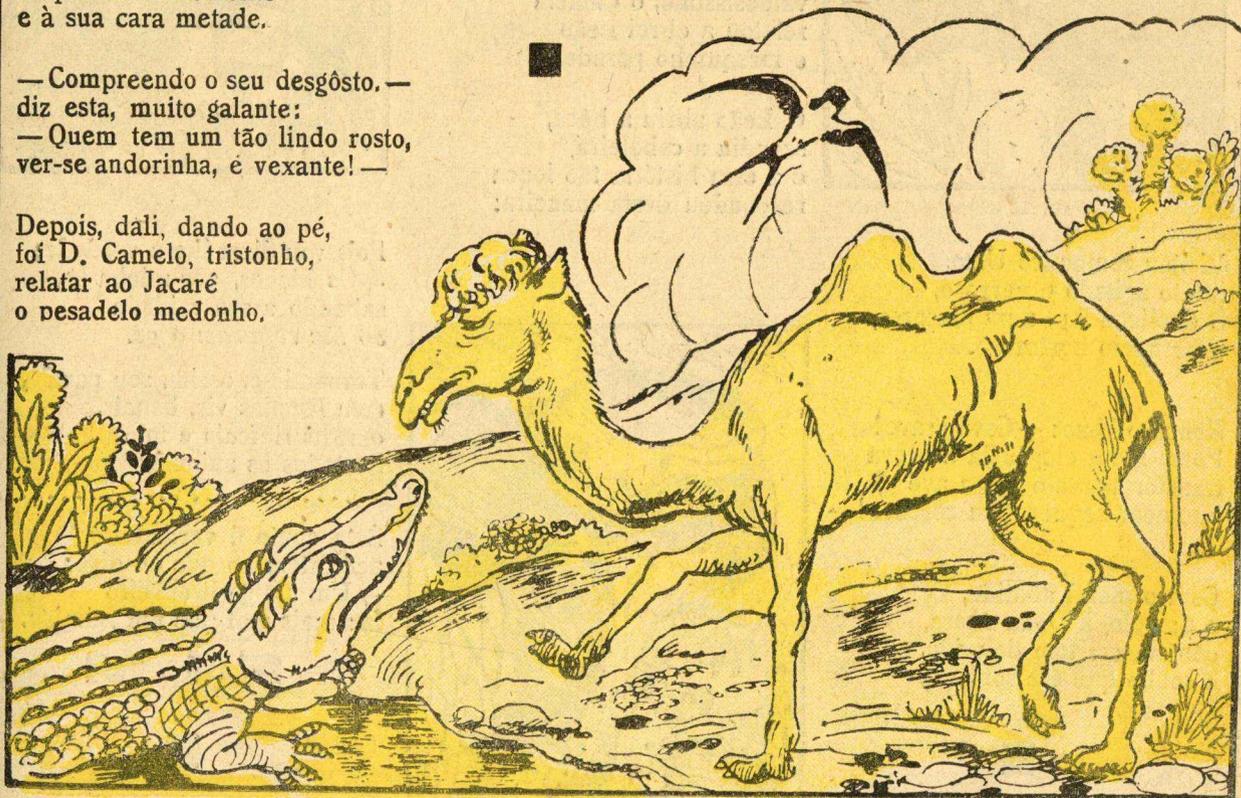
Depois, dali, dando ao pé, foi D. Camelo, tristonho, relatar ao Jacaré o pesadelo medonho.

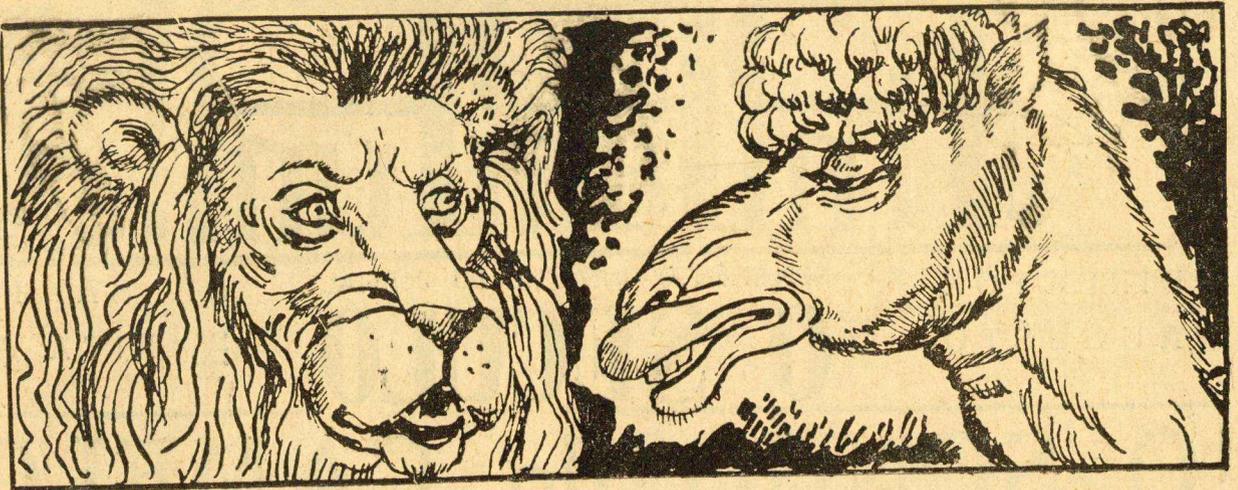
E o Jacaré logo disse: — Em andorinha, calculo! Que rematada tolice! Eu, cá por mim, dava pulo!

O Camelo, de tropel, sempre triste e compungido, foi contar à Cascavel o sonho que tinha tido,

Diz-lhe a cobra, num apito, dando jeitos à cabeça, — O amigo que é tão bonito, em andorinha, que peça!

Eis que vai num catrapós o camelo, a galopar, contar ao Tigre feroz o sonho de arrepiar.





Responde ele: — Que tristeza o meu amigo há-de ter! Sendo um tipo de beleza, francamente, isso é descer! —

E vai ela respondeu: — Está triste e tem de quê! Porque mais lindo do que eu, no mundo, só há você. —

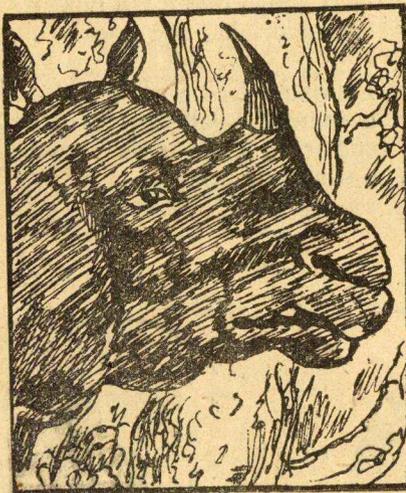
— Você que é feio, aleijado, sonhou que era uma andorinha, e sentiu-se amesquinhado?! E' tanso este marrequina!

O Camelo, então, buscou D. Ouriço — Pica-Gente, a quem logo pespegou o sonho tão deprimente.

Respon deeste: — Com certeza, que humilhação! Que chalaça! Você, a maior beleza que existe na sua raça!

Assim, cheio de razão, vaidosíssimo, o Camelo relatou a el-rei Leão o mesquinho pesadelo.

O Leão abriu a bôca, sacudiu a cabeleira, e a essa história tão louca respondeu desta maneira:



Visitou compadre Urso, muito agitado e nervoso, e explicou-lhe, num discurso, o pesadelo horroroso.

Ronca o Urso: — Caso grave! Põem-lhe a elegância á prova transformando-o nessa ave que nem, sequer, tem corcova! —

Com o moral abatido, o Camelo, à Dona Arara, contou, em tom dolorido, o sonho que ele sonhara.



Pois vou dizer-lhe a verdade: — Os bichos, por minha fé, sabendo a sua vaidade só lhe regaram o pé.

Tornando-o, assim, seu parolo, com lisonjas vis, banais, o mais ridículo e tolo de todos os animais!

.....
Este conto é verdadeiro, acreditem no que eu digo: — Um amigo lisongeiro faz mais mal que um inimigo. —

F I M

O MENINO BRRIBIBI

Por LEONOR DE CAMPOS

A senhora Coelha ia ao mercado vender umas couvinhas. Ao sair recomendou aos filhos:

«Tenham muito juizinho! Portem-se bem! E não saiam de casa, antes de eu voltar! Ouviram?»

«Sim, mãzinha!»—exclamou, em côro, a pe-tizada.

A senhora Coelha fez uma festa a cada filho e saiu.

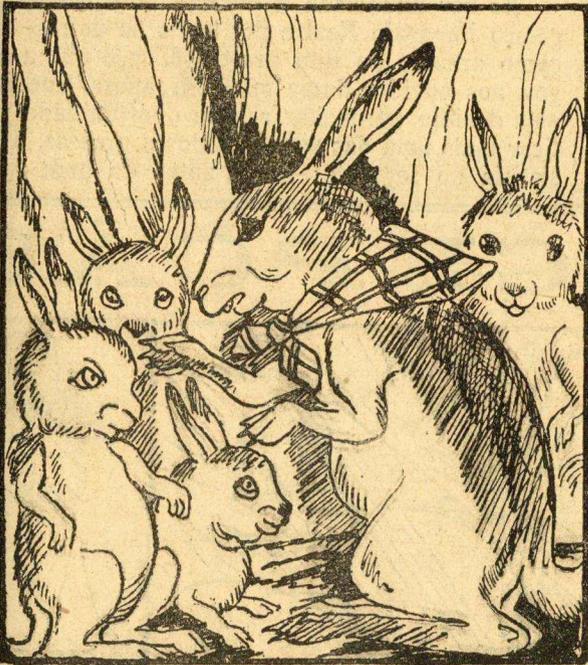
Os pequenos, cheios de juizo, foram ao armá-rio dos brinquêdos, buscar os berlindes e puse-ram-se a jogar.

Ao fim de pouco tempo, Brribibi, o mais de-sinquieto dos irmãos, declarou com o focinho fran-zido:

«Eu cá não brinco mais, pronto! Uff! Que jôgo aborrecido!... A mim quem me tira o *foot-ball* ou as corridas de velocidade, tira-me tudo! Brr! Estou farto de casa! Aqui até falta o ar a um po-bre coelho!...»

Mas a coelhita mais velha, a Tátá, que, por ordem da mãe, ficava sempre a tomar conta dos irmãos, logo o repreendeu e aconselhou:

«Tem paciência! Também nós preferimos an-



dar lá por fóra mas, quando não pode ser, não há remédio senão conformarmo-nos!...»

«Pois sim!—resmungou Brribibi, muito irri-tado.— Falas como uma rata sábia!...»

E afastou-se para um canto, de focinho baixo, a ruminar maroteiras. E como os irmãos continuas-sem a brincar, sem mais lhe ligarem importância, Brribibi, daí a nada, sorrateiro, dirigiu-se para a cozinha. Mas a Tátá, sempre vigilante, foi-lhe no

encalço. Ao ver o irmão muito atarefado a arrastar para a chaminé o banco da cozinha, indagou:

«Que queres daí!»

«Quero os fósforos, Já que não me deixam sair, vou distraír-me a fazer uma fogueira!...»

«Tu estás doido, Brribibi! Não sabes que a nossa mãe proibiu que brincássemos com lume?»

«Ora, ora! Isso não é para mim, que sou um coelho esperto e ladino!... Sei muito bem acen-der o lume sem me queimar!...»

«Mas eu é que não consinto!... Ou me dás já essa caixa ou tiro-ta à fôrça!...»

«Ora atreve-te. Vá!...»

E, saltando para o chão, empurrou, brutalmente, a irmã contra a parede e fugiu para o seu quarto com a caixa entre os dentes. Tátá e os irmãos que, atraídos pelo barulho da discussão, se tinham apro-ximado, correram atrás d'ele. Mas Brribibi ágil-mente pulou para cima da cama e daí, trepando pelos ferros, com um pequeno esforço, conseguiu encarrapitar-se sôbre o guarda-vestidos. E então, antes que os irmãos o alcançassem, pôs-se a acen-der fósforos e a atirá-los ao ar, cantando:

Pum!

Lá vai um!

E depois:

Trás! Trás!

Lá vão dois.

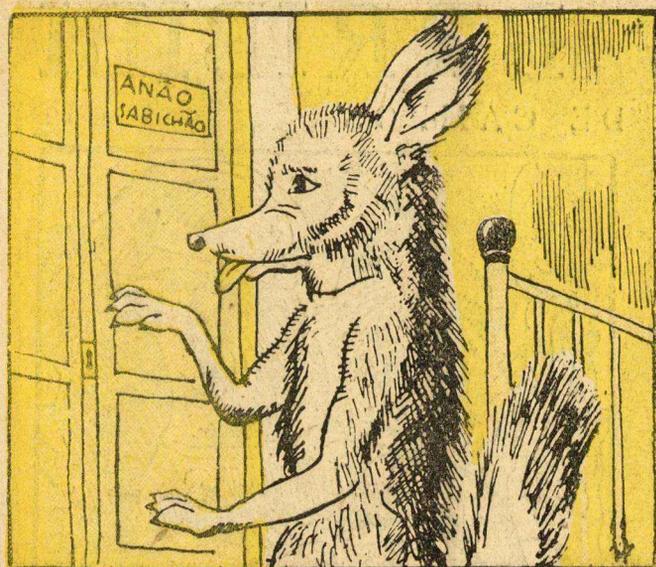
Outra vez!...

Já são três!...

De repente um dos fósforos, ainda acêso, cafu sôbre a cama e pegou fogo à roupa.

Os coelhitos aflitíssimos largaram a fugir para à porta da rua, gritando:

(Continua na página 6)



A MANHA D E O ANÃO

Por AUGUSTO D

o grande amigo dos animais e o grande conselheiro das crianças?... Quem seria esse portento que tudo sabia e tudo adivinhava, operando, até, verdadeiros milagres?! Constava, apenas, que morava no topo duma colina, ao nascente, donde baixava para todos os pontos, num pequenino avião sem motor, de sua grande invenção. Que usava um barretinho vermelho, jaqueta da mesma cor, com estrelinhas douradas, um calçote às riscas e que era tão pequenino que até coubera numa pequena caixa onde, pela primeira vez, aparecera em casa da ilustre escritora D. Virgínia Lopes de Mendonça, conforme a nossa presada colaboradora o revelou aos nossos pequeninos leitores, com tanta graça e sugestivo encanto.

Quem seria, pois, o misterioso anão que tanto intrigava a imaginação dos meninos e o bestunfo irracional dos bicharocos?! — pensavam estes, ruminando o seu instinto ou bichanando entre si, até que, numa solene reunião dos mais importantes animalejos do Reino, foi decretada uma romaria, de toda a bicharia que havia, à habitação do célebre Anão Sabichão que, naquela região, causava tal sensação.

DE lés a lés, no Reino dos animais, correrá a grande nova de que um profeta surgirá, tão grande de alma e saber, quanto miudinho de tamanho, chamado Anão Sabichão.

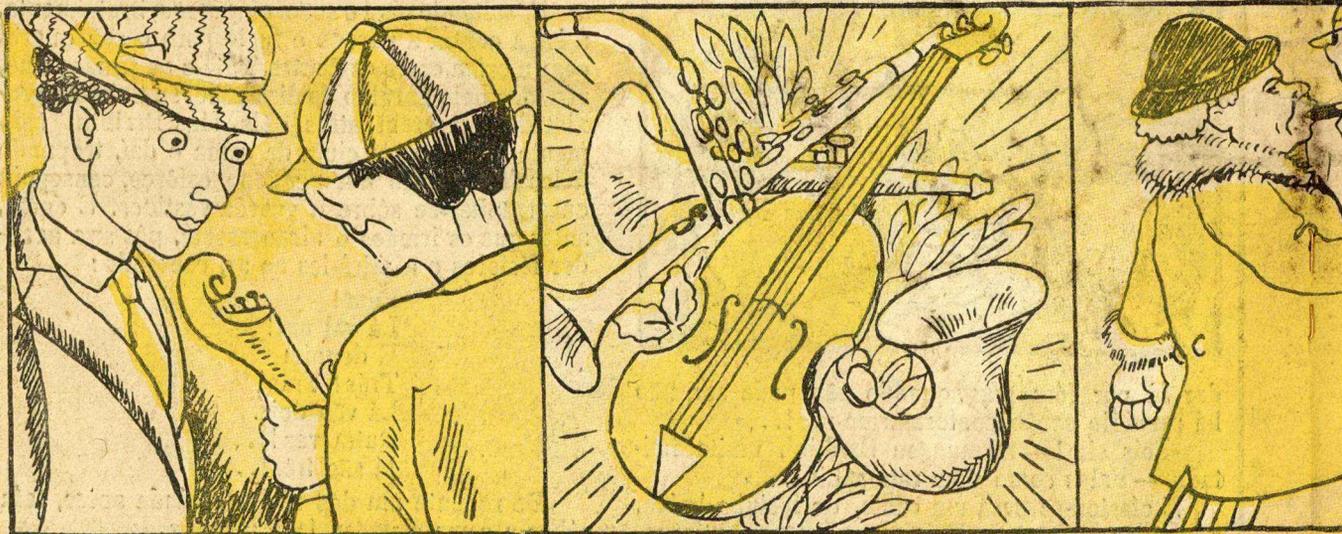
O filósofo Burro, o célebre Doutor Mõcho, o sábio astrólogo Chapim e o mavioso poeta Rouxinol já várias vezes se haviam reunido em solene conselho, a-fim-de comentarem o grande acontecimento e de combinarem a melhor forma de renderem as suas homenagens a tão importante personagem.

No estábulo das rezes, no curral das ovelhinhas, na lura das cigarras, entre o silêncio da noite e a paz dos campos, à hora em que o guarda nocturno Pirilampo, velava, zeloso, o sossêgo dos lares animalescos, a grande nova causara tal impressão que não se bichanava outra coisa.

— «Quem seria esse Anão Sabichão, que diziam ser

Ao ser anunciada a decisão do conselho pelo pregoeiro Papagaio Real e por todos os «loiros» da região, como arautos do dito pregoeiro, logo que a nova chegou aos ouvidos duma manhosa raposa, imediatamente esta decidiu aproveitar aquela oportunidade para praticar mais uma das suas já famosas proezas, a qual consistiria no seguinte: — Iria, antes da hora combinada,

A DECEPÇÃO



I — O Carlitos, que é um barra para a arte musical, Ni comprar uma guitarra...

II — Zézito, ao voltar da mestra, fala-lhe e diz-lhe: — «O meu pai pertence a uma grande Orquestra...»

III — Com efeito, o pai do Zé, tem ar de artista afamado, motivo porque ele é

DA RAPOSA

SABICHÃO

DE SANTA-RITA



cumprimentar o grande pequenino Anão Sabichão e, à volta, pertinho da casa dele, oculta atrás duma sebe, atrairia a si, com disfarçados *mê-mês*, os tenros cordeirinhos que se houvessem incorporado na grande romaria, a-fim de os matar e levá-los para casa, onde, depois, teria lauto almoço e farto jantar para toda a semana... pelo menos!

Planear e pôr em prática o ardiloso intento, foi obra de pouco tempo. Faltava, ainda, uma hora para a largada da grande bicha dos bichos, já a raposa matreira seguia, apressada, a caminho do alto da colina, disposta a matar dois coelhos... e outros tantos cordeirinhos.

casualmente, mesmo à beira da estrada, uma sebe florida que logo destinou para esconderijo.

Assim que voltar de cumprimentar o Anão Sabichão, não me há-de escapar esta ocasião para me ocultar.

Antegosando o cobiçado manjar e a delamber-se toda, gulosamente, a manhosa raposa ia andando e dizendo:

Sem o menor risco de ser apanhada, cordeirinho arisco, fugido ao aprisco, que belo petisco vou ter daqui nada!...

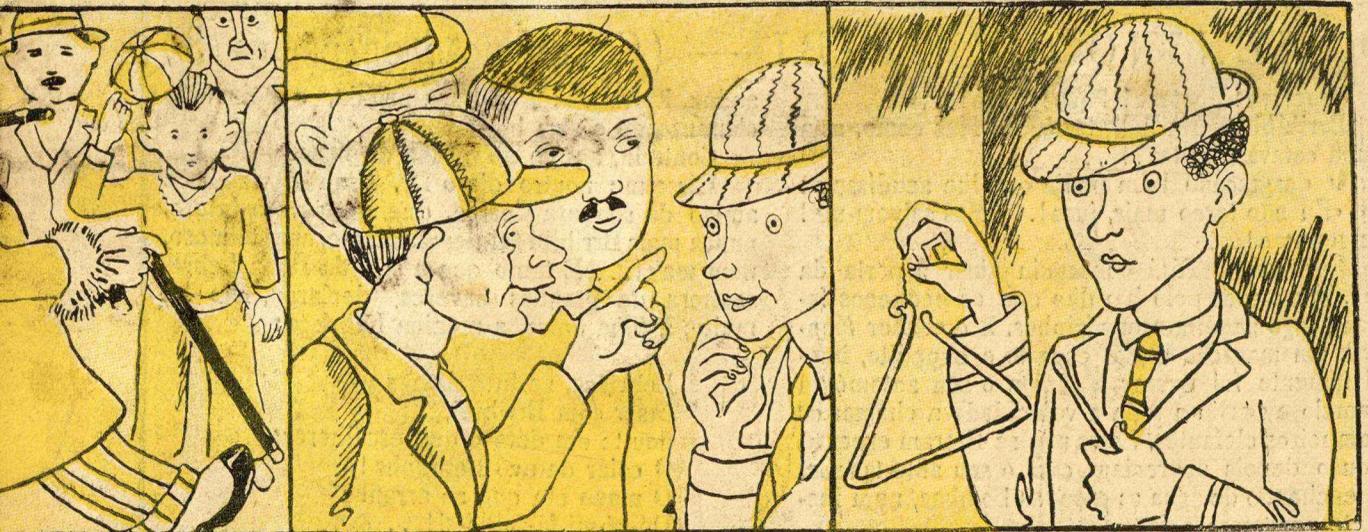
Com a sua fisgada, a raposa manhosa, dirigiu-se, então, à moradia do Anão, onde, batendo à porta, logo ouviu uma voz perguntar:

— «Quem é?!...»

Já quási chegada ao alto da colina, deparou-se-lhe,

(Continua na página 7)

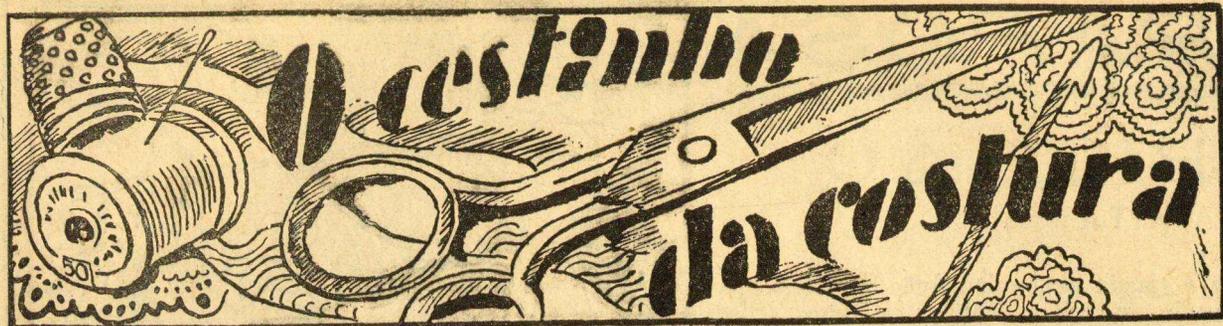
DE CARLITOS



IV — saudado por toda a gente que, ao vê-lo sem instrumento, logo diz: — «Será regente?!...»

V — Até que o Zézito, um dia, põe termo à curiosidade que à sua volta fervia.

VI — E mostra aos seus amiguinhos que instrumento o pai tocava. Afinal era... ferrinhos!



SECÇÃO QUINZENAL PARA MENINAS

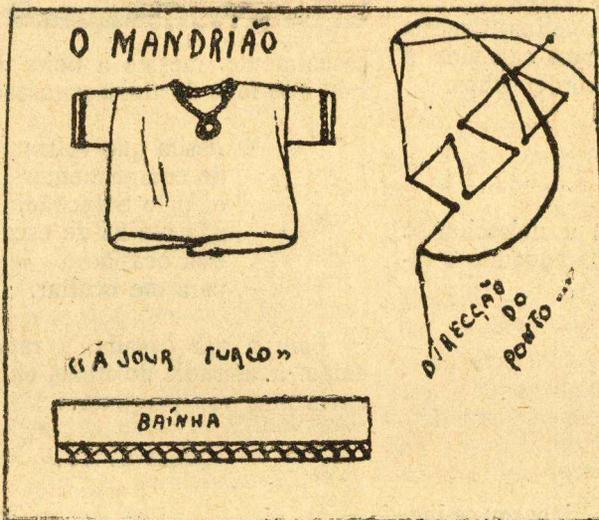
Queridas discípulas:

COM muita alegria venho outra vez trazer-lhes um novo modelo da «parure» da boneca. Eu quero que as minhas «abelhinhas» vão criando hábitos de trabalho; começarão pela roupinha dos bonecos de celuloide!

E' tão engraçado vestilos, não é verdade? Temos, hoje, o mandrião! E' muito facil de cortar. Basta, para isso, arranjar uma tira com a largura do corpo da boneca e duas vezes a altura do ombro até à cinta, tendo o cuidado de dar o desconto para as costuras e para que a peça fique um pouco folgada. Dobra-se, então, o pano em 4 partes e dá-se o feitio do pescôço, como se vê na gravura. Depois mede-se a largura da manga e marca-se a cava e dela até à bainha, cosem-se os lados do mandrião. A cava, que é direita, pega-se, então uma manguinha pequenina que é uma simples tira a direito. Em cada uma das partes de traz, faz-se uma bainha para as casas e botões e, por fim, faz-se a bainha em baixo a toda a volta. O mandrião pode ser cosido em «ponto adiante» pequenino e bem feitinho; lembrem-se que

a perfeição é essencial em todos os nossos trabalhos, pois sem ela, pouco valôr têm. No próximo número occupar-me-hei, exclusivamente, dos vários pontos da costura. Hoje a lição é para vos ensinar o *àjour turco* com que a nossa pequenina peça será guarnecida. O modelo indica com precisão qual o caminho da agulha a seguir. Neste *àjour* não se tiram fios, segue-se apenas o traço que o desenho indica. Este ponto é feito com uma agulha bastante grossa e precisa ficar bem apertado e certo para que o efeito resulte bonito e perfeito. Cada tracinho indica a direcção da agulha e em cada uma destas direcções dão-se 2 pontos, isto é, um em cima do outro. Assim se vai obtendo um *àjour*. Os dois pontinhos, que quasi se tocam, formam apenas um buraco; vão assim separados na gravura para as minhas «abelhinhas» verem qual o caminho que a agulha deve seguir. Estou certa que, sem dificuldade, ireis guarnecer as manguinhas e o decote

Nº 3



do nosso engraçado mandrião, o qual, depois de feito, será um encantador presente para a boneca preferida! E, por hoje, vão muitas saudades da

ABELHA MESTRA.

O MENINO BRRIBIBI — (Continuação da página 3)

«Socôrro! Socôrro! Fogo! Fogo!...»

Brribibi queria fugir também! Mas como, se a cama estava a arder?!...

O desgraçado bem pedia que lhe acudissem:

«Eu não torno mais, juro!... Mas salvem-me! Salvem-me!...»

Entretanto, Tátá conseguiu abrir a porta da rua. E atraídos pelo barulho que os pequenos faziam, logo acudiram os vizinhos. E o senhor Mandril, um macacão muito esperto e expedito, imediatamente foi buscar à garagem o seu automóvel Camelo e partiu a toda a velocidade a chamar os bombeiros elefantes. Estes não se fizeram esperar. Pouco depois apareciam com o seu auto-tanque. E enchendo de água as grandes bombas, num instante apagaram o fogo.

Foi esta rapidez que salvou Brribibi. Encontraram-no muito queimado, mas vivo, dentro da bacia do lavatório. Levaram-no ao hospital, onde lhe fizeram o curativo. Mas durante muito tempo

andou horrendo: a cabeça pelada, o pêlo todo chamuscado e sem bigodes.

Contudo, aquilo serviu-lhe de lição.

Disse-me noutro dia o Dr. Esquilo, vizinho e amigo da senhora Coelha, que, daí para o futuro, nunca mais Brribibi foi desobediente, nem teimoso, nem mau!... E tanto que a sua tia Dona Lebre, senhora de grandes haveres, declarou, não há muito, à filha única, a menina Lebrisca:

Lebrisca, se tu quizeres casar com Brribibi, dou-te em dote o que escolheres: O colar da avó Lebranha! O piano em que se arranha Dó-ré-mi-fá-sol-la-si!... Ou a casa da montanha onde canta o colibri!...

A MANHA DA RAPOSA e o Anão Sabichão

(Continuação das paginas 4 e 5)

Com doces falinhas, a matreirona respondeu:

— «Gente de paz!»

Mas, sem abrir a porta, torna o Anão Sabichão:

— «E o que a traz até esta moradia?»

Responde a raposa:

— «Saudar vossa Senhoria, por ser pessoa capaz, e de assás sabedoria.»

Ora o Anão Sabichão, que era espertalhão e que tudo percebia à légua, logo lhe respondeu:

— «Não gosto de louvaminhas e não abro as portas minhas senão a quem não me adula. A lisonja encobre a gula, tu deves, pois, ser gulosa!... Vai-te raposa manhosa!...»

Despeitada e enraivecida, a raposa retrocedeu e ao chegar junto da sébe que destinára para esconderijo, ocultou-se, aguardando a romaria dos bichos.

Com a sua espingardinha de ar comprimido, o Anão Sabichão, que seguira a raposa sem esta o suspeitar, percebendo os intuitos da manhosa, resolveu aguardar o momento propício para lhe aplicar o devido castigo, ocultando-se atrás doutra sébe.

Quando, do lado de lá da estrada, o grande cortejo ia desfilando e um cordeirinho corria ao encontro da raposa, atraído pelo seu disfarçado *mé-mé*, uma descarga de chumbo alvejou, em cheio, a raposa que logo revirou os pés pela cabeça.

Assim que a bicharada, que ia cumprimentar o nosso Anão Sabichão, soube o motivo porque ele castigara a matreira, irrompeu aos vivas ao grande justiceiro e, então, o pregoeiro Papagaio Real, que seguia num imponente poleiro à frente do cortejo, tomou a palavra, em nome de todos os bichos, enaltecendo as suas muitas virtudes e o seu grande talento.

ADIVINHA CHARADAS EM VERSO

Nas cerolas este pano é duro como um osso — 1-2.

A segunda pessoa, que eu vi escrita, no instrumento foi duma linda flôr — 1-1-1.

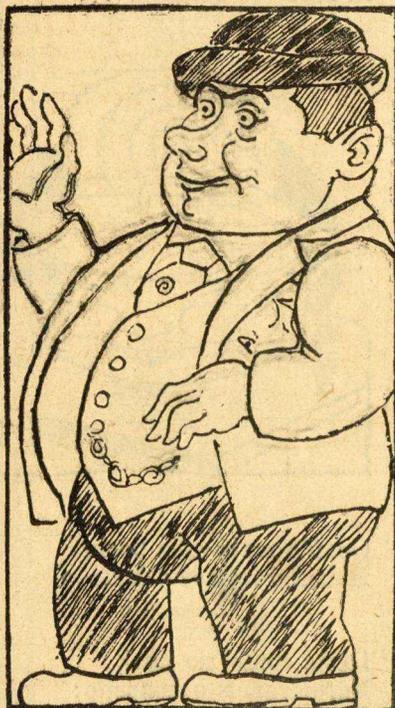
Está com pressa de colocar na vasilha esta flôr indiana — 2-2.

O alemão quando toma essa bebida, reflete-se na cara — 2-1.

SOLUÇÃO DAS ANTERIORES:

Neste rio encontrel um tecido e um fruto — 2-1.

1 — Relógio — 2 — Chavinha — 3 — Viola — 4 — Botequim — 5 — Serviço — 6 — Período — 7 — Fardamento — 8 — Sebenta.



Meus meninos: — Eis um rico lavrador que veio a Lisboa visitar seu filho. Vejam se descobrem este ultimo.

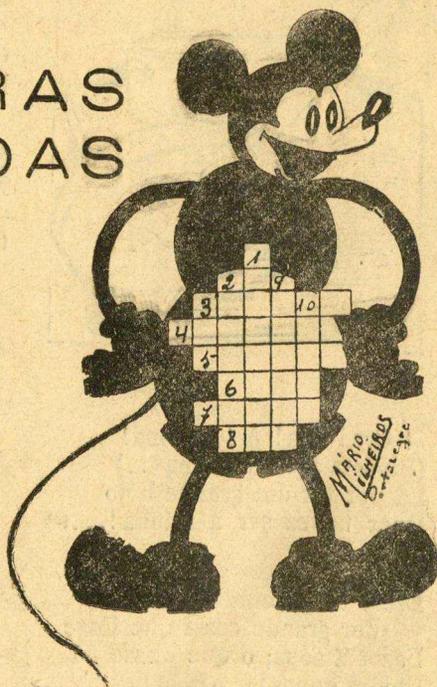
PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS

1 — Consoante; 2 — Arco pequeno; 3 — País da Europa; 4 — Praça pública para viveres, gados, etc.; 5 — Tempo do verbo sair; 6 — Refeição da noite, — Sacos de viagem; 8 — Batráquios.

VERTICAIS

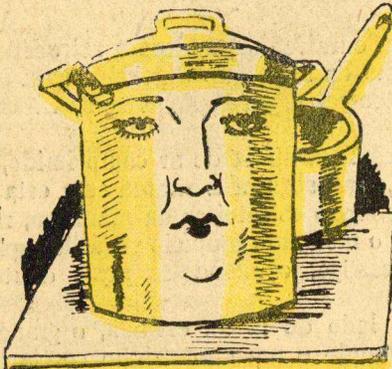
1 — Nome de mulher; 2 — Amarar um navio á terra; — Pronúncia dum adverbio inglês; 9 — Fábricas de loiça de barro; 10 — Percepções intellectuais.



Uma discussão na Cozinha

POR ZE' D'ALDEIA

Desenhos de A. CASTAÑE



CERTO dia, uma panela,
Vaidosa do seu tamanho,
Disse assim à caçarola,
Com certo ar de arrebanho:

— «Quem és tu, oh delambida?
Quais são os teus predicados?
Uma simples caçarola
Para fazer refogados!...»

Mas sem mim a cozinheira
Não pode nunca passar.
Faço a sopa, o principal
Numa mesa de jantar.»

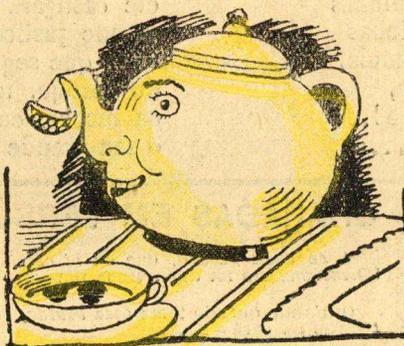


— Ora! Ora! A toleirona!
(Riposta a caçarolinha...)
Lá por ter um grande bôjo
Quer talvez ser a rainha!...»

Diz o tacho enraivecido:
— «Por grande coisa que fôsse
Fazer a sopa; o que é isso
Contra quem faz o bom doce!...»

A certã, às gargalhadas,
Diz, troçando em altos gritos:
— «O que seria do mundo
Se faltassem os meus fritos?...»

A grelha, com ar sisudo,
E com gestos bem-criados,
Diz, também: — «Qual refeição
Prescinde dos meus assados?...»



Logo, a leiteira proclama:
— «Sem mim, que grande destroço!...»

Quem ferveria o leitinho
Para o pequenino almoço?»

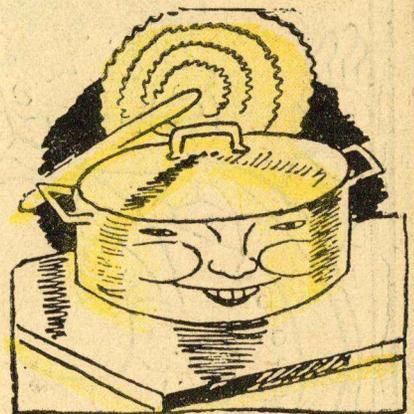
Põe-se, ativa, a cafeteira,
Não se julga da ralé:
— «Não vês, panela atrevida,
Que sem mim, não há café!...»



A chaleira, aristocrata,
Orgulhosa qual pachá,
Diz também: — «Sua atrevida
Que não sabe fazer chá!...»

Não quiz ficar o fogão,
Sem meter a colherada:
— «Saibam todos, em geral,
Que sem mim não valem nada!»

— «Acabou-se a discussão,
Já basta de bedelhar!...»



Quanto mais valia temos
Mais a devemos calar...»

Dêste conto, no final,
Encontramos o conceito:
Louvamos os nossos actos
Não é virtude, é defeito.

■ ■ FIM ■ ■